




## Aplicação de Stop Motion para criação de vídeos animados sobre mitos indígenas: Uma Experiência na Formação de Professores Indígenas na Cidade de Manaus

Application of Stop Motion to create animated videos about indigenous myths: An Experience in the Training of Indigenous Teachers in Manaus City

**Erismar Nunes de Oliveira**  <https://orcid.org/0000-0002-0330-4152>  
Instituto Federal de Educação e Ciência do Amazonas (IFAM)  
E-mail: prof.erismaroliveira@gmail.com

**Giovana de Oliveira Ribeiro**  <https://orcid.org/0000-0002-2756-8259>  
Secretaria Municipal de Educação de Manaus (SEMED/Manaus)  
Instituto Federal de Educação e Ciência do Amazonas (IFAM)  
E-mail: giovana.ifam.2018@gmail.com

**Kátia Cilene Silva**  <https://orcid.org/0000-0002-3732-9075>  
Instituto Federal de Educação e Ciência do Amazonas (IFAM)  
E-mail: katiacy7@gmail.com

**Andréa Pereira Mendonça**  <https://orcid.org/0000-0003-4251-5312>  
Instituto Federal de Educação e Ciência do Amazonas (IFAM)  
E-mail: andrea.mendonca@ifam.edu.br

### Resumo

Para os indígenas, os mitos e as lendas têm um forte poder em manter viva sua cultura, sendo as escolas e Centros Culturais indígenas espaços importantes para este fim. Neste artigo, reportamos uma experiência de formação continuada de professores indígenas na construção de vídeos animados para representação de mitos, utilizando a técnica Stop Motion. O principal objetivo da formação foi contribuir para a autonomia dos professores indígenas no uso das tecnologias, respeitando seus saberes culturais e sua posterior propagação em sala de aula, junto aos seus alunos. Para a realização do trabalho, foi utilizado um percurso metodológico para criação de vídeos animados em cinco etapas: escolha do mito ou lenda a ser retratada; criação de um roteiro a partir do mito ou lenda escolhida; construção do cenário com os personagens; produção das fotos quadro a quadro; e por fim, a edição das fotos no software *windows movie maker*. Este trabalho resultou em três contribuições relevantes: (i) um planejamento de ensino que poderá ser replicado por outros formadores de professores em diversos contextos; (ii) o próprio processo de formação do professor indígena, aliando seus saberes culturais ao tecnológico; e, (iii) quatro vídeos sobre mitos que podem ser (re)utilizados para disseminar a cultura indígena.

**Palavras-chave:** Formação de Professores em Serviço; Técnicas de Ensino-Aprendizagem; Tecnologia Educacional.

## **Abstract**

To the Brazilian indigenous people, myths and legends are important to keep their culture alive, where indigenous schools and cultural centres are important spaces to this sharing. In this paper, we report an experience of indigenous teachers continuing education to build animated videos to illustrate myths by using the Stop Motion technique. The main goal of this continuous education project was to provide autonomy to indigenous teachers regarding the use of technology altogether with respecting their cultural knowledge and the later propagation in classroom with their students. We adopted a methodological approach composed of five stages to create such animated videos: the choice of the myth or tale; creation of its screenplay; scenario and characters construction; production of each frame; and, lastly, edition of frames with Windows Movie Maker software. Three main contribution can be identified upon carrying out the present proposal: (i) a teaching planning that can be replicated by many other instructors in several contexts; (ii) the formation process of indigenous teachers per se, which integrates technology and cultural knowledge; and (iii) four videos about myths that can be (re)used to disseminate the values of Brazilian indigenous culture.

**Key words:** In-Service Teacher Training; Teaching-Learning Techniques; Educational Technology.

## **Introdução**

A LDB 9394/96 em seu Art. 1º coloca a educação e a formação na pluralidade de vivências sociais e culturais de aprendizados (BRASIL, 1996). O que significa dizer, que além de aprendermos também ensinamos em espaços e momentos bastante distintos, sendo a escola um desses espaços, não o único.

É inegável que as realidades sociais e humanas se manifestam de forma bastante diversificadas e em contextos múltiplos e complexos, exigindo das pessoas comportamentos pautados no respeito e na aceitabilidade do outro. É neste viés, que os povos indígenas devem ser reconhecidos, em especial, àqueles que por algum motivo deixaram suas aldeias e residem, no meio urbano, na busca de novos saberes para ganhar autonomia na defesa de seus interesses.

Dado este contexto, voltamos a nossa atenção para os professores indígenas da Secretaria Municipal de Educação de Manaus (SEMED/Manaus), por fazerem parte de um segmento social com carências acentuadas de formação inicial e continuada para o exercício da docência. Com respeito a formação inicial, segundo dados da própria SEMED/Manaus, do total de professores indígenas (30 professores), apenas 20% deles possuem formação em nível de graduação e os demais têm como maior nível de escolaridade o ensino médio.

Dentre as carências de formação continuada para o exercício da docência, destacamos a necessidade de capacitação dos professores indígenas para adoção das tecnologias como recurso didático, aliado aos saberes culturais.



A fim de contribuir para minimizar esta carência, desenvolvemos uma formação continuada com 18 (dezoito) professores indígenas, das etnias Karapãna, Ticuna, Báre, Apurinã, Satere Mawé, Kokama e Tucano, com o objetivo de contribuir para a autonomia dos professores indígenas no uso das tecnologias, respeitando seus saberes culturais e sua posterior propagação em sala de aula, junto aos seus alunos.

No contexto dos povos indígenas, os conhecimentos tradicionais, em sua maioria, são transmitidos pela oralidade, sendo propagado às novas gerações para conhecerem o que viviam no passado. Com as potencialidades das tecnologias, o registro desses conhecimentos, pode ser realizado de diversas formas, dentre elas, a partir de vídeos animados que incluem, além da própria fala, cenários, personagens, textos e sons.

Partindo desta perspectiva, o planejamento de nossa formação continuada focou na capacitação dos professores indígenas para a adoção da técnica de animação Stop Motion como recursos para apresentar, no formato de vídeos animados, os mitos de sua cultura e, se assim o desejassem, poderiam fazer uso de outros elementos, tais como, músicas, grafismos e danças de seu povo.

Como percurso metodológico para orientar a formação e a criação de vídeos animados com adoção de Stop Motion, seguimos orientações contidas em Strauss (2013), Oliveira (2010) e Stuermer (2013), as quais são compostas por cinco etapas: definição do tema ou ideia; criação de um roteiro a partir do tema; construção do cenário com os personagens; produção das fotos quadro a quadro; e por fim, a edição das fotos no software *windows movie maker*. As aulas tiveram a dinâmica de uma oficina, com carga horária de 8h, na qual os professores indígenas trabalharam em grupos, no Laboratório da Gerência de Tecnologia Educacional (GTE/SEMED), tanto na aprendizagem dos fundamentos e procedimentos pertinentes a técnica Stop Motion, quanto na elaboração de seus próprios vídeos animados.

Para compreensão dos fundamentos, metodologia e resultados obtidos neste trabalho, organizamos o artigo da seguinte forma: inicialmente, tratamos sobre as necessidades de formação dos professores indígenas da SEMED/Manaus. Na sequência, descrevemos a importância dos mitos indígenas para a explicação da vida pelos povos antigos e também apresentamos a técnica Stop Motion para criação de vídeos animados. Posteriormente, apresentamos os procedimentos metodológicos empregados no processo de formação, seguido dos resultados obtidos e das considerações finais.

## **Formação de Professores Indígenas em Manaus**

A formação dos professores indígenas é uma demanda em pauta que desafia a sociedade brasileira. Remanescentes de um grande contingente populacional, apontados pelos dados históricos em torno de 6 milhões de pessoas, no Brasil colônia, os povos indígenas contemporâneos, no país, trazem processos históricos distintos e são, ainda hoje, portadores de tradições culturais específicas pouco respeitadas pela sociedade não indígena.

No decorrer de décadas, as relações dos não indígenas com os indígenas, no interior do país, para alguns grupos têm sido de estranheza, de luta, pois, em algumas regiões, as terras indígenas é objeto de desejo. Por outro lado, para boa parte da



sociedade brasileira, os indígenas são vistos com indiferença, ou como pessoas, um tanto quanto sem expressão, não merecedores de atenção.

No bojo dessas relações, é cada vez mais comum a presença dos índios de etnias diferentes nas periferias dos grandes centros, vivendo na marginalidade, sofrendo um processo cada vez mais intenso de aculturação. Manaus, assim como São Gabriel da Cachoeira, Benjamim Constant, Maués, Eirunepé e Rio Preto da Eva registram indígenas vivendo na mendicância, realidade esta invisível aos olhos da maioria.

De maneira algum queremos negar o espaço urbano ao indígena mas constatar que a sua posição social na cidade tem sido de marginalização, e nisso, todavia, não difere dos outros moradores das periferias urbanas, marcados por lutas diárias pela simples sobrevivência, muitas vezes dependente de caridade e piedade, que mais servem para mantê-los onde e como estão do que a promoção e a valorização de sua identidade e culturas étnicas (PITANGA; LIRA, 2010, p.1).

Como é possível perceber, no inserto anterior, índios e não índios pobres, nas periferias das cidades, vivem em situação de vulnerabilidade social, quase que em uma disputa, cada qual ao seu modo pela sobrevivência. Na luta diária, os indígenas, assim como os não indígenas lutam por acesso à escola, como um valor simbólico de transformação, valor este adquirido pelos novos contextos enfrentados.

Grupioni (2006) nos traz informações importantes sobre o papel divergente da escola, ontem e hoje, no contexto dos povos indígenas. Ontem, mais precisamente, no período colonial, com os jesuítas, a escola foi uma instituição imposta pelos representantes do poder colonial como instrumento de aniquilação cultural. Hoje, ela é vista e reivindicada pelo segmento indígena como instrumento que “pode lhes trazer de volta o sentimento de pertencimento étnico, resgatando valores, práticas e histórias esmaecidas pelo tempo e pela imposição de outros padrões socioculturais” (GRUPIONI, 2006, p.4).

No entanto, para que isso aconteça faz-se necessária uma escola, verdadeiramente, indígena intercultural, bilíngue e diferenciada para atender de fato ao público a que ela se destina. Esse direito é respaldado por lei. Com a Constituição Federal de 1988 complementada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) a população indígena tem direito a uma escola dentro de sua aldeia, onde são ensinados, além do português, a sua língua originária, bem como a formação de integrantes da comunidade para atuar como professores nas aldeias.

No que se refere a formação dos professores para atuar junto às aldeias, infelizmente, assim como a Educação de Jovens e Adultos (EJA), a oferta de cursos de formação que atendam a especificidade de ensino é exígua. É consenso que a extrema heterogeneidade e diversidade de situações sociolinguística, culturais e históricas traz um agravante quando se pensa em formação para os povos originários do Brasil.

Pitanga e Lira (2010) trazem, em um artigo intitulado: “Os (des)caminhos da educação indígena no Amazonas: o papel da universidade na formação dos professores”, informações da atuação da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) na contribuição efetiva para a preservação das culturas e construção da escola indígena através dos seus vários Departamentos Acadêmicos e professores de diversas áreas do conhecimento.



Segundo as autoras, a UFAM tem uma larga experiência na realização de atividades e cursos destinados aos povos indígenas. Entre esses municípios amazonenses, São Gabriel da Cachoeira é um dos polos de atuação mais antigo da Instituição. Naquela região, a UFAM ofertou Cursos de Licenciatura Plena em Filosofia, Geografia, Letras e Ciências sociais que contou com a participação maciça de professores indígenas da própria região.

Na cidade de Maués, em 2004, 43 professores indígenas da etnia Sateré-Maué e mais 250 da Rede Pública de Ensino daquela região participaram de cursos de formação ofertada pela Universidade Federal, trazendo, com isso, uma contribuição importante na valorização de um povo que precisa se informar para formar os mais jovens em suas aldeias.

Um dado importante apresentado pelas autoras Pitanga e Lira (2010) diz respeito às dificuldades enfrentadas pelos indígenas, durante os estudos. Entre essas dificuldades, a língua era o obstáculo preponderante. Quando eram trabalhados textos científicos, o problema aumentava ainda mais, pela complexidade da linguagem. Vale lembrar que os ministrantes dos cursos de formação usavam o português, o que se constituía em um problema, uma vez que os alunos pouco dominavam o idioma.

Em Manaus, a SEMED oferece formação pedagógica para os professores indígenas por meio da Gerência de Educação Escolar Indígena/GEEI como uma forma de atender as necessidades desses grupos. E, foi pensando em promover uma capacitação com esses professores que nós, autores deste trabalho, desenvolvemos, no mês de julho de 2019, uma formação continuada, no formato de oficina, nas dependências da SEMED, com o objetivo de capacitar os professores indígenas para adoção de tecnologias em sala de aula, focando na técnica de animação Stop Motion para a construção de vídeos animados.

Vale destacar que o trabalho com a técnica Stop Motion foi muito bem recebido pelos participantes da oficina, uma vez que a presença das tecnologias nas vidas de muitos dessas pessoas é uma realidade. Entre as crianças, jovens e adultos o uso de celulares e computadores é bastante natural, o que contribuiu para o bom aproveitamento da formação.

Considerando a importância de oferecer uma formação que levasse em conta os saberes culturais dos professores indígenas, a oficina para a construção de vídeos animados com Stop Motion teve como mote a apresentação de mitos indígenas, cuja importância cultural será apresentada na próxima seção.

## **Mitos Indígenas: uma expressão cultural**

A cultura popular é um campo fértil, onde o imaginário atua configurando uma riqueza imprescindível de manifestações populares legitimadora de realidades culturais. Dessa forma, a história da criação de cada ser e de seus elementos está relacionada ao conjunto de crenças de cada sociedade, e uma dessas manifestações é o mito, narrativa mítica com forte poder simbólico, utilizado pelos povos indígenas para explicar os fenômenos da natureza, dando assim, sentido às coisas do mundo. Na cultura indígena, há uma lógica das coisas que muitas vezes é esclarecida através dos mitos, como por exemplo, no começo dos tempos, os seres que criaram o mundo ensinaram os humanos a fazer as festas, rituais, roçar, caçar, pescar, fazer cestos,



redes, viver em sociedade, dentre outras coisas. Por outro lado, na cultura ocidental, os mitos apresentam outros conceitos como menciona Strauss:

A cultura ocidental que demarca o universo científico, o mito é uma interpretação da história e a história é a interpretação “verdadeira”. Já para outras culturas (notadamente as indígenas), o mito pode ser a materialização da história; ou, a “verdade” histórica está no mito. (STRAUSS, 2010, p. 10).

Assim, os mitos aparecem entre os povos indígenas como uma cultura de ancestralidade que são repassados aos mais jovens pela oralidade como uma necessidade de se manter viva a cultura de um povo (STRAUSS, 2013, p.150).

Os mitos são histórias de um tempo passado e distante que dão sentido aos fatos e aos eventos da vida, explicando como são as coisas hoje e como eram antes. Um dado interessante sobre mito é o fato de que toda vez que ele é contado passa por transformações da sua origem por quem o conta, sendo uma das razões de estarem sempre se modificando, fazendo com que haja várias versões de um mesmo mito. Cada povo tem sua forma de contar sobre a criação, no entanto, saber o que são os mitos é um desafio, pois, ainda trazem significados misteriosos através de várias formas de análise e com infinitudes de indefinições e explicações propostas (MINDLIN, 2002).

Sabemos que, desde de sempre, o povo primitivo abordou os mitos de forma narrativa para exprimir suas inquietações aos seus. Hoje, com os professores indígenas, não é diferente, pois embora com a mudança dos tempos, muitos ainda usam essa maneira de manter viva a sua cultura.

Com o potencial de criação e registro oferecido pelas técnicas e tecnologias, os mitos podem ganhar outras dimensões além da oralidade, podendo ser registrados, por exemplo, em vídeos que expressam, além da narrativa, a riqueza artística, por meio da criação de personagens, cenários, músicas típicas, entre outros. Embora, possam ser adotadas variadas técnicas, neste trabalho focamos na adoção do Stop Motion, conforme apresentado na próxima seção.

## **A criação de vídeos animados com Stop Motion**

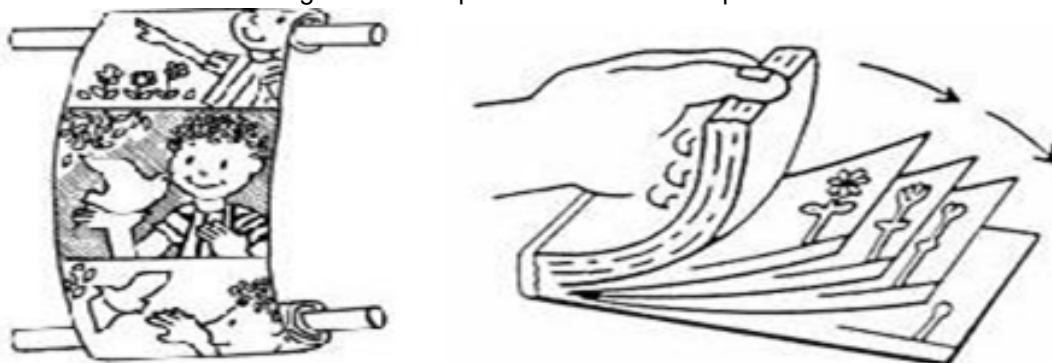
O termo animação, segundo o dicionário Michaelis vem do latim *animare* que significa dar vida, ânimo, movimento. A animação por computador é a criação da ilusão de movimento através da exibição de uma série de imagens levemente diferentes uma da outra, ou seja, as imagens são exibidas rapidamente, dando um efeito de movimento suave.

A animação é a arte de criar imagens em movimento utilizando ferramentas de computação gráfica que podem ser visualizadas no computador, em filmes ou propagandas. Existem variadas técnicas de animação na atualidade e produzida em vários contextos, como nas histórias em quadrinhos e nos cineminhas, em que uma série de imagens fixas são giradas através de cilindros em certa velocidade, causando a impressão de movimento.

No entanto, um dos mais apreciados experimentos que precederam a animação é o *flip book* (livro mágico), que é composto por uma sequência de imagens organizadas em um livreto que, quando folheado, tem-se a impressão de movimento das imagens, como podemos observar na Figura 1, que também mostra um exemplo de cineminha ( ZUBLER; LEITE, 2013).



Figura 1: Exemplos de cineminha e flip book.



Fonte: (ZUBLER; LEITE. 2013, p.4)

Vale ressaltar, que estas descobertas na animação contribuíram, significativamente, para chegarmos às técnicas cinematográficas existentes na atualidade. Dentre elas, destacamos o Stop Motion que é uma técnica de animação na qual o produtor fotografa objetos e cenários. De quadro a quadro e entre uma imagem e outra o produtor muda a posição do objeto de maneira minuciosa, que permite após a edição das imagens em *software* específico exibir a animação produzida em velocidade normal de projeção, criando assim a ilusão de movimento.

Destacamos que esta técnica pode ser feita com bonecos, objetos, brinquedos, pessoas, massinhas, palitos papéis, etc. Contudo, para que o filme realmente forneça aos telespectadores a sensação de movimento a nível profissional, é necessário projetar a animação a 24 fotos por segundo, podendo ser obtido um resultado satisfatório quando são projetadas de 10 a 15 fotos por segundo (KAMINSKI, 2010).

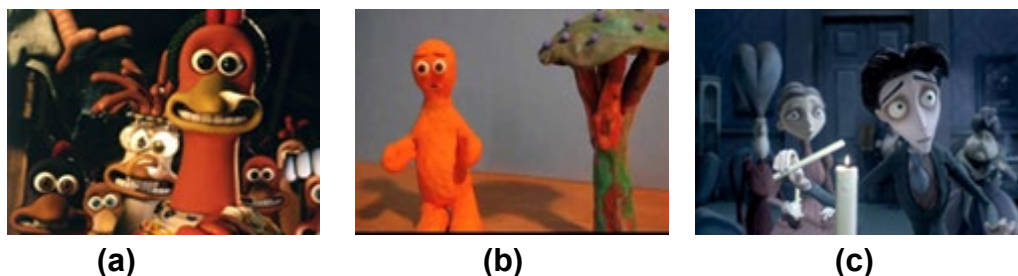
Para Oliveira (2010), a técnica Stop Motion se caracteriza:

Como uma técnica de produção de animação, baseada na captação de uma imagem fotográfica de um objeto qualquer. A posterior manipulação do objeto pelo animador, uma nova captação de imagem e a manutenção desta rotina até a conclusão do movimento desejado. A união do efeito *phi* com a persistência retiniana, aciona uma série de processamentos cerebrais que possibilitam ao sujeito perceber, por experiência fenomenológica, o movimento dos objetos fotografados. Isso ocorre quando a interpolação das imagens possui uma velocidade superior a cerca de 10 quadros por segundo (OLIVEIRA, 2010, p.54).

Esta técnica ganhou espaço nas telas de cinema e se popularizou com a produção de filmes que são muito conhecidos pelo público, dos quais podemos citar: A fuga das galinhas (Figura 2a), Mapinguari (Figura 2b), A noiva cadáver (Figura 2c). Assim como também as animações de Wallace e Gromit: a batalha dos vegetais e o Estranho mundo de Jack. Em sites como o Youtube.com.br é possível encontrar vários exemplos produzidos a partir de diferentes materiais e com diversas finalidades.



Figura 2 (a) Fuga das Galinhas; (b) Mapinguari; (c) Noiva Cadáver



Fonte: (STUERMER, 2013)

A aplicação da técnica Stop Motion é simples e proporciona uma participação ativa das pessoas que a executam, obedecendo um processo de criação, conforme ilustrado na Figura 3. Para iniciar o trabalho, devemos escolher um tema ou um assunto que se pretende apresentar. Em seguida realizamos a construção de um roteiro, isto é, uma descrição textual da história que se pretende contar abordando o tema escolhido. Após a finalização do roteiro, inicia-se a construção do cenário e dos personagens, e então se produz a tomada de fotos, quadro a quadro do cenário e de seus personagens. Vale salientar que as fotografias são executadas a cada movimento mínimo das personagens para posterior edição em *software* de editor de fotos, como por exemplo, o editor *Windows Movie Maker*, que permite incluir ainda som, texto, legenda, entre outros recursos.

Figura 3 – Etapas para a construção de vídeos animados com Stop Motion.



Fonte: Autoria Própria.

Além da sua utilização nas telinhas de cinema, a técnica Stop Motion também está ganhando espaço na área da educação. Kaminski (2010) afirma que o Stop Motion é também um recurso pedagógico que “nos remete a resultados muito satisfatórios, tanto em questão de aprendizagem dos alunos ao tema sugerido, quanto ao interesse





dos mesmos na produção de sua própria animação” (KAMINSKI, 2010, p.1). Destaca também que a técnica pode ser utilizada pelo professor para potencializar o ensino e aprendizagem em sala de aula, visto que a partir das construções e produções audiovisuais os alunos serão motivados a interagir em grupo, disseminar ideias, conteúdo, usar sua criatividade e atuar como participantes ativos na sua formação escolar e ainda terão a oportunidade de compartilhar suas produções nas redes sociais.

Há vários trabalhos que demonstram a aplicação do Stop Motion em atividades escolares, dentre eles, citamos Santos *et. al.* (2017) que executou a técnica com os alunos do ensino fundamental para abordar o tema meio ambiente. Os autores enfatizam que a prática da técnica, no contexto escolar, incentiva a criatividade, participação, o trabalho em equipe e o contato com os recursos tecnológicos, assim como, a aprendizagem de conteúdos didáticos.

Stuermer (2013), por sua vez, utilizou a técnica Stop Motion para criar um vídeo contando a lenda de Golem, que segundo o autor, foi criado de forma mágica pelo Rabino Loew para proteger o povo judeu dos crescentes ataques anti-semitas. Outra aplicação é narrada por Leite e Zubler (2013), que utilizaram a técnica de animação na formação continuada de professores da rede pública estadual de Mato Grosso (MT) com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que favorecessem a atuação inovadora e ativa no ambiente escolar, instigando com isso as diversas capacidades na área da linguagem.

## **Procedimentos Metodológicos**

A formação continuada de professores indígenas foi implementada na forma de uma oficina, com carga horária de 8h, realizada nas dependências do Laboratório da Gerência de Tecnologia Educacional (GTE/SEMED), tendo a participação de 18 (dezoito) professores das etnias Tukano, Baré, Ticuna, Kokama, Apurinã, kambeba, Satere Mawé e Karapanã. Para um melhor desenvolvimento das atividades e otimização do tempo, os participantes foram divididos em quatro equipes.

No primeiro momento, a técnica Stop Motion foi apresentada através de vídeos e animações como processo explicativo, o mesmo ocorreu com os demais elementos que compõem sua utilização. Em seguida, foram direcionadas indagações aos participantes sobre o entendimento da temática explorada. Nesta atividade, exibimos como modelos de trabalhos realizados alguns filmes famosos construídos com a técnica Stop Motion (Mapinguari e a Fuga das galinhas), com o objetivo de demonstrar como essas produções foram realizadas com essa técnica.

No segundo momento, realizamos uma atividade prática com os participantes para construção de vídeos animados com Stop Motion, obedecendo as etapas ilustradas na Figura 3.

Desta forma, os professores foram organizados em quatro grupos e cada grupo escolheu um mito e elaborou um roteiro que conduziria a construção do vídeo. Foram escolhidos os mitos: a onça e o jabuti, o boto cor de rosa, mukuin curumim e terra sagrada Apurinã. A construção do roteiro teve duração de 25 minutos e após esse momento, os grupos iniciaram a construção do cenário e confecção dos personagens (Figura 4), utilizando materiais de baixo custo, conforme descritos no Quadro 1. Esta etapa de construção do cenário e personagens teve duração de 1 (uma) hora.



Figura 4. Construção do cenário e dos personagens



Fonte: Acervo de fotos dos autores.

Quadro 1. Materiais e recursos utilizados para a confecção dos cenários e personagens.

<p>Materiais utilizados para confecção do cenário e personagens</p>	<p>08 caixas de massa de modelar, 04 tesouras, 02 caixas de pincel atômico, 03 tubos de cola, 01 rolo de barbante, 04 caixas de papelão, 03 estiletes, 05 folhas de papel duplex coloridas, 02 folhas de papel celofane, 01 caixa de palito de dente, 01 bloco de papel ofício, 02 rolos de fita durex.</p>
---	---

Fonte: Autoria Própria.

Após a construção do cenário e personagens, os participantes, auxiliados pelos formadores, realizaram uma sessão de fotos, quadro a quadro, com o uso do celular (Figura 5). Em seguida editaram as fotos, utilizando o *software Windows movie maker* para a produção dos vídeos. Também nesse momento, os professores indígenas foram orientados quanto à formatação de textos, e inclusão de sons e legendas nos vídeos. O tempo utilizado para a realização dessas atividades foi de 01h 30min.

Figura 5. Fotografando as cenas



Fonte: Acervo de fotos dos autores.

O último momento consistiu na socialização de vídeos pelas equipes (Figura 6). Nesse ínterim, os integrantes externalizaram suas impressões a respeito do trabalho efetuado e dos benefícios que podem trazer para o processo de ensino e aprendizagem.

Figura 6. Socialização das equipes



Fonte: Acervo de fotos dos autores

## Resultados e Discussões

Como resultado da formação de professores indígenas, os quatro grupos de professores indígenas produziram vídeos abordando os mitos indígenas contados em suas comunidades. Foram criados os vídeos: “A Onça e o Jabuti”, “O Boto cor de Rosa”, “Mukuin Kurumin” e “Terra Sagrada Apurinã”. Os vídeos foram disponibilizados no YouTube com o objetivo de compartilhar o resultado do trabalho com a comunidade. A seguir, apresentamos a síntese de cada vídeo criado, considerando os mitos escolhidos.

### Mito – A onça e o Jabuti

Este mito é contado pelo povo Baré. Segundo esse povo a onça foi caçar o jabuti para comê-lo. Após pouco tempo de caminhada, ela encontrou o jabuti deitado perto do tronco de uma grande árvore. A onça se arrastou devagar até chegar perto do jabuti, quando ela se aproximou ele entrou no buraco da árvore. A onça espiava pelo buraco da árvore e enfiou a pata no buraco para pegar o pé do jabuti. Inesperadamente, a onça sentiu morder e arrancar um de seus dedos, que sangrou muito. A onça, então, saiu correndo pelo mato adentro. O vídeo (Figura 7) está disponível para acesso em <https://www.youtube.com/watch?v=6sFumMrqKXE> – Tempo de duração 1 minuto e 50 segundos.

Figura 7 – Cenário do mito A onça e o jabuti.



Fonte: Acervo de fotos dos autores.

### Mito - O Boto cor de Rosa

O mito do boto cor de rosa é contado pelo povo Baré. Contam que uma mulher descia para lavar louça na beira do rio, quando viu um boto rosa bem grande vindo em sua direção. Ela, então, correu para casa. Ao anoitecer, aquele boto apareceu para ela, a sua aparência era idêntica à do seu marido. Ele desceu para o rio e se transformou em um grande peixe. O vídeo (Figura 8) está disponível para acesso em [https://www.youtube.com/watch?v=UabKrngS\\_0M](https://www.youtube.com/watch?v=UabKrngS_0M) – Tempo de duração 2 minutos e 13 segundos.

Figura 8 – Cenário do mito O boto cor de rosa.



Fonte: Acervo de fotos dos autores.

### Mito – Mukuin Kurumin

Segundo o povo Desana, dois curumins foram pescar numa canoa, seguiam bem distraídos. Sem que eles percebessem, uma cobra grande seguia a sua canoa, num piscar de olhos ela pegou o curumim que vinha na polpa da canoa. Depois de andar por um bom tempo, o curumim que vinha na proa sentiu falta do amigo e, voltou para ver o que tinha acontecido. Foi quando, encontrou seu amigo enrolado na cobra no

meio do rio. Sem ter forças para desenrolar a cobra, ele colocou-a dentro da canoa e remou rumo a sua aldeia. Lá, juntamente, com outros indígenas, conseguiram salvar o curumim da cobra grande. O vídeo (Figura 9) está disponível para acesso em <https://www.youtube.com/watch?v=U-IVdZzHcOI&t=28s> - Tempo de duração 10 minutos e 6 segundos.

Figura 9 – Cenário do mito Mukuin Kurumin



Fonte: Acervo de fotos dos autores

### Mito - Terra Sagrada Apurinã

Segundo contam os Apurinã, havia uma terra sagrada para eles. Três índios caminhavam em direção à terra sagrada. No caminho, tinham que passar por uma terra chamada de morredoura. Nessa terra, dois índios ficaram, apenas um prosseguiu a viagem. Os que ficaram morreram, porque desobedeceram. Somente Otsãmanery chegou à terra sagrada e deu origem ao povo Apurinã. O vídeo (Figura 10) está disponível para acesso em: <https://www.youtube.com/watch?v=xtjqSvJiCXw> - Tempo de duração 3 minutos e 55 segundos.

Figura 10 – Cenário do mito Terra Sagrada Apurinã.



Fonte: Acervo de fotos dos autores.

Dentre as dificuldades para a execução da formação, destacamos a distância das comunidades para o local, impedindo a permanência dos professores indígenas por um tempo maior. Tendo em vista essa restrição, identificada na fase de planejamento

da formação, a oficina teve carga horária de 8h, sendo executada em apenas um dia, das 08:00 às 16:00h, com uma hora de intervalo para o almoço.

Neste sentido, cabe destacar a importância de planejar formações com uma dinâmica de ensino “mão na massa” na qual os professores possam aprender os conceitos e praticá-los, vislumbrando perspectivas de reproduzi-las em seu contexto escolar.

### **Considerações parciais**

Neste artigo apresentamos uma experiência de formação de professores indígenas para o uso do Stop Motion para a criação de vídeos animados. Dada as características do público, foram exploradas nos vídeos as narrativas míticas de seus ancestrais como uma forma de chamar atenção dos cursistas, além é claro, de dizer a eles que era possível por meio da tecnologia fomentar os valores culturais de seu povo entre os mais jovens.

O fato é que por ter sido uma formação “mão na massa”, que primou pela adoção de material de baixo custo e do uso de uma temática relevante para o público alvo, os professores indígenas puderam, no próprio cenário da formação, refletir sobre as possibilidades de reproduzir essa aprendizagem no espaço escolar, onde atuam. Isso é possível ser percebido no relato de um dos participantes.

“Antes de conhecer a técnica de Stop Motion, eu achava que não era possível colocá-la em prática para meus alunos, mas agora depois da formação do pouco que vimos tenho certeza que sim.”

Dentro desse contexto, mediante a todas as atividades desenvolvidas na oficina, observamos que a técnica Stop Motion possibilitou a interação entre os participantes demonstrando criatividade e trabalho em grupo. Observamos também o quanto os cursistas se dedicaram na formação e se divertiam enquanto aprendiam produzir os personagens, cenários e vídeos. Inclusive declararam a necessidade de ocorrer um segundo momento da formação para se aperfeiçoarem na técnica de animação, a fim de ampliar as oportunidades de prática em seus espaços de educação.

O trabalho desenvolvido favoreceu apenas a formação continuada de professores indígenas de Manaus. Neste sentido, para ampliar o alcance do trabalho, destacamos a importância de replicação da formação com professores de outros municípios do Estado, o que demandaria recursos financeiros e maior logística de locomoção. Com respeito aos resultados obtidos, estes sinalizaram a importância de contextualizar a formação de professores indígenas, buscando respeitar os saberes tradicionais, formas de trabalho e demandas próprias, o que requer adaptação de material didático, planejamento contextualizado e orientação pedagógica específica para aqueles que trabalham com a formação de professores indígenas.

### **Referências**

BRASIL. Presidência da República. **Lei de Diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília: 20 dezembro 1996.



GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. **Contextualizando o campo da formação de professores indígenas no Brasil**. 2004

KAMININSKI, V. R. Animação no ensino fundamental: Stop Motion. In: **Anais do III Simpósio de Arte Visuais**. FAP - Faculdade de Artes do Paraná, 2010.

MAHER, Terezinha Machado. **Formando índios como professores: uma nova política pública**. In. Formação de professores indígenas: repensando trajetórias. (Org) Luís Donisete Benzi Grupioni. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.

MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa**. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/modernoportugues/busca/portuguesbrasileiro/anima%C3%A7%C3%A3o/>>. Acesso em: 18 maio 2018.

MINDLIN, Betty. O fogo e as chamas dos mitos. **Estudos Avançados**, v. 16, n. 44, p. 149-169, 2002.

OLIVEIRA, Flávio Gomes de et al. **Panorama e proposições da animação em stop motion**. 2010.

PITANGA, Maria Eunice Sá. LIRA, Rosenir de Souza. **Os (des)caminhos da educação indígena no Amazonas: o papel da Universidade na formação dos professores**. Universidade Federal do Amazonas, Brasil. Revista Iberoamericana de Educación (ISSN: 1681-5653)

SANTOS, Emily S. dos; MENDONÇA, Andréa P.; BARRETO, Laís C. M. de S.; **Reportando Problemas Ambientais: Desenvolvimento de Vídeos utilizando Stop Motion**. XXIII Workshop de Informática na Escola (WIE). Recife, Brasil - 30 Out a 02 Nov, 2017. Disponível em: <http://www.br-ie.org/pub/index.php/wie/article/view/7223>. Acesso em: 18 maio 2018.

STRAUSS, Claude-Levi. **O cru e o cozido. Mitológicas 1**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

STRAUSS, Claude-Levi. *Antropologia estrutural*. Editora Cosac Naify, 2013.

STUERMER, Kurt Jurgen Junior. Do Barro do Rio: **Um filme de animação inspirado na lenda do Golem**. Dissertação de mestrado – Escola de comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013, 113 fs. Disponível: [www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27159/tde-8112013.../KurtStuermer.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27159/tde-8112013.../KurtStuermer.pdf). Acesso em: 18 maio 2018.

ZUBLER, Éldi Preciliana Pavanelli; LEITE, Joana Rodrigues Moreira. A produção de stop motion: contribuições para desenvolvimento de capacidades na área de linguagem. In: **10º CONGRESSO BRASILEIRO DE LINGUÍSTICA APLICADA**, 2013, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos. Associação de Linguística Aplicada do Brasil. Disponível em: <<http://www.alab.org.br/images/stories/alab/CBLA/ANAIS2013/zubler-e-leite.pdf>> Acesso em: 18 maio 2018.



---

**Recebido:** 16/04/20

**Aprovado:** 15/05/20

**Como citar:** OLIVEIRA, E. N.; RIBEIRO, G. O.; SILVA, K. C. O.; MENDONÇA, A. P. Aplicação de STOP Motion para criação de vídeos animados sobre mitos indígenas: Uma Experiência na Formação de Professores Indígenas na Cidade de Manaus. **Revista de Estudos e Pesquisa sobre Ensino Tecnológico (EDUCITEC)**, v. 6, e126320, 2020.

**Direito autoral:** Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

